



Cinema e Literatura: filme “Django Livre”, de Quentin Tarantino, como proposta de aprendizagem do Romantismo

Rozana Quintanilha Gomes Souza

Elane Kreile Manhães

Categoria: Comunicação

Eixo Temático: Experiências de sala de aula

Resumo

O presente trabalho é pautado numa experiência em sala de aula utilizando a arte do cinema como estratégia de ensino de Literatura. Dessa forma, pretendeu-se aproximar o movimento literário romântico do século XVIII do aluno do mundo contemporâneo e revelar que a narrativa romântica, aparentemente, na visão dos alunos, ultrapassada, na verdade continua atual e atraente. Essa metodologia partiu da percepção da falta de interesse pelas leituras de clássicos da literatura romântica por parte dos alunos, por as julgarem anacrônicas aos costumes da geração atual. Nesse sentido, foram propostas a leitura do livro e a apresentação do filme “Django Livre” para, em seguida, estabelecer entre essas duas linguagens, um paralelo que revelou uma proximidade e uma identificação com a temática, resultando na aprendizagem das características, dos conceitos e do contexto histórico do estilo romântico literário. Com isso, o cinema, nessa experiência, foi o veículo mediador da aprendizagem por meio da aproximação entre gerações.

Palavras-chave: ensino de Literatura; cinema; linguagens.

1. Introdução

A leitura está presente na vida do sujeito-aluno bem antes dele frequentar a escola, seja nas historinhas contadas pelos familiares, seja nas narrativas em forma de cantiga. O mundo ao qual vivemos é textualizado, por isso lemos o tempo todo.

Dessa forma, o ato da leitura é um processo construído no convívio social. Família, amigos, igrejas, mídias, escola, todos contribuem para a formação do leitor. Assim, compete à família contribuir com a formação inicial desse sujeito-leitor na infância, inserindo as crianças no mundo da fantasia e do “faz de conta”, instigando o gosto pela leitura que amplia o contato

com o mundo. Mas cabe à escola o papel de consolidar e formalizar esse ato da leitura, e de contribuir nesse processo.

Ler não é um procedimento destinado a fixar a palavra, nem um meio de expressão permanente e muito menos desconectado do contexto linguístico, vai além da decodificação das palavras. Sobre isso, Paulo Freire diz que é um

processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 2000, p.9)

A leitura é um processo decorrente de percepções, de informações apreendidas por meio da interação social que permite o pensamento atravessar o tempo e o espaço. O ato da leitura implica acionar conhecimentos de mundo que foram selecionados e organizados e que, num certo momento de conexão, ganham novos significados.

Vale lembrar que todos os textos se apresentam carregados de intencionalidade, os quais despertam interesses, aguçam a curiosidade e estimulam os sentidos. Mas, nem sempre o sujeito-leitor estabelecerá relações de sentido, pois a sua compreensão depende das concepções e dos estímulos aos quais ele estará envolvido.

E, para tanto, o principal instrumento foi e ainda continua sendo a linguagem, ou melhor, as linguagens, pois, ao ler uma história, o leitor liga e religa conhecimentos, atribui significados, e os conecta com as múltiplas linguagens, com conhecimentos externos e internos ao texto e ao que está explícito e implícito.

Essas múltiplas conexões e analogias, a partir de uma situação contextual, promovem a construção de significados e estabelece o que Gilles Fauconnier chama de teoria dos espaços mentais. Para ele,

a linguagem em si mesma não nos diz muito a respeito do significado. Isso nos dá pistas sobre como construir significados quando nos encontramos em determinado contexto, em determinadas situações, usando nossas imensas capacidades cognitivas, mas também buscando muitas informações sobre o contexto e a situação [...] a linguagem nos propicia construir esquemas de mapeamento e as nossas habilidades de criar espaços mentais nos permitem construí-los de uma determinada maneira. (revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 2, 2005)

Em outras palavras, o ato da leitura ativa construções mentais complexas que se relacionam com a vivência e com o conhecimento de mundo de cada um. É o resultado dessas inferências, do conjunto de conceitos integrados que possibilita a compreensão do texto, que

torna a leitura mais fácil ou mais difícil, mais prazerosa ou não e que define a afinidade e preferência pelo texto ou a sua rejeição. Assim, as experiências coletivas e individuais além de promover a compreensão, influenciam o gosto por determinada leitura.

A partir da proposta de leitura de alguns clássicos da literatura romântica em duas turmas de 2º ano do Curso Técnico Integrado em Meio Ambiente do Instituto Federal Fluminense – *campus* Guarus, percebeu-se certo desinteresse por essas leituras nas falas dos alunos quando mencionaram que não queriam mais ler esses livros que contavam “histórias chatas”, “de antigamente”, “histórias que não tinham relação com a vida de hoje”, “com uma linguagem diferente da atual e, por isso, difícil de entender”.

Essa fala dos alunos, aparentemente, confirmou o discurso de alguns professores que, de certa forma, já virou senso comum - a de que os alunos não leem, não gostam de ler e não querem ler. Mas será que realmente os alunos não gostam de ler? Não querem ler? Será que não gostam de histórias com costumes e hábitos diferentes dos da sociedade de hoje?

Diante dessa situação de conflito, identificamos um momento de choque: o primeiro choque foi entre a linguagem usada nos livros do século XVIII com a usada nos dias atuais. O segundo choque foi entre a linguagem do aluno com a do livro. O terceiro choque foi entre o professor que propunha determinada atividade de leitura e os alunos que resistiam a essas leituras dos clássicos propostos.

Dessa forma, a abordagem dessa pesquisa justificou-se pela percepção da falta de interesse pelas leituras de clássicos da literatura romântica por parte dos alunos, por as julgarem anacrônicas aos costumes da geração atual.

2. A importância da Literatura para a formação humana

A Literatura é associada à ideia de patrimônio cultural, ao qual se valoriza a cultura e a história de diversos povos e lugares. Essa concepção traz em si a ideia de que, quem não valoriza a literatura é visto como ignorante e alienado do mundo, uma vez que o acesso à leitura literária desenvolve a percepção, a sensibilidade, a estética, a verossimilhança, a intelectualidade, a criticidade e, sobretudo, a linguagem. Ao mesmo tempo, sabemos que essa visão é elitizada, visto que grande parte dos alunos das escolas brasileiras não tem acesso à leitura de clássicos da literatura.

A Literatura é uma forma de manifestação artística que tem como objeto de estudo a palavra. Nesse sentido, a literatura está presente em toda cultura e em toda civilização, correspondendo a toda produção escrita, em prosa ou em verso, que busca o “belo” e que se

baseia na vida dos homens, possibilitando ao leitor experimentar situações fictícias inspiradas na vida real. Segundo Antônio Cândido, literatura é,

da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (CÂNDIDO, 1995, p. 174)

A literatura se manifesta em todos os níveis da sociedade e faz parte do universo cotidiano social e cultural, sendo, portanto, imprescindível para a formação do homem. Nesse sentido amplo, “a literatura parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CÂNDIDO, 1995, p. 175). Deste modo, a escola deve se constituir num espaço no qual se instalem a prática da leitura e se preservem a cultura universal.

2.1. Leitura dos Clássicos

A leitura dos clássicos da Literatura contribui para a formação intelectual, social, cultural, humana e, essencialmente, para a formação do leitor. Essa bagagem acumulada ajuda a definir as preferências por determinadas leituras e a definir o tipo de leitor, introduzindo-o em um mundo fantástico e nas relações entre o fictício e o real, ampliando horizontes e abrindo novas perspectivas.

Nesse sentido, evidencia-se a importância das práticas de leitura de diversos gêneros discursivos nas escolas, pois grande parte dos sujeitos-alunos tem apenas a escola como espaço de acesso à leitura – esse bem cultural.

A partir dessas práticas, o sujeito-leitor pode alcançar mundos, expandir conhecimentos, vivenciar o que, na realidade, não foi experimentado. Segundo Yunes,

o ato de ler é um ato da sensibilidade da inteligência, da compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catedraticamente e ampliamos a condição humana. Esta sensação de plenitude, iluminante, ainda, que dolorosa e aguda tem sido a constante que o discurso artístico proporciona. Diante de um quadro, de uma música, de um texto, o mundo inteiro, que não cabe no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca a totalidade, como se,

pela parte que tocamos, pudéssemos entrever o não visto e adivinhar o que, de fato, não experimentamos. (YUNES, 1995, p. 185)

Praticar a leitura de diferentes contextos requer uma sensibilidade discursiva, de modo que se ultrapasse a fronteira da decodificação para uma leitura de fato, atribuindo sentidos. A disciplina de Literatura ministrada no Ensino Médio pressupõe leituras dos Clássicos com o objetivo de atender aos interesses pedagógicos e cumprir com os fins específicos da disciplina, mas também atender ao interesse fundamental do sujeito-aluno, o de ler por prazer, viajando pelo mundo da literatura, construindo sua identidade, por meio da interação com o texto e da integração com o mundo. Para Cosson,

a Literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado. Ela é a incorporação do outros em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2011, p.17)

3. Proposta do filme “Django Livre” como estratégia de ensino do Romantismo

A proposta de apresentação do filme “Django Livre” de Quentin Tarantino em sala de aula teve o objetivo de utilizar a arte do cinema como metodologia de ensino de Literatura. Dessa forma, pretendeu-se aproximar o movimento literário romântico do século XVIII do aluno do mundo contemporâneo e revelar que a narrativa romântica, aparentemente, na visão dos alunos, ultrapassada, na verdade continua atual e atraente.

“Django Livre” é um filme com uma trama romântica ambientada no século XVIII. Django, o protagonista, é um escravo recém liberto pelo alemão King Schultz, caçador de recompensas, pelo fato dele tê-lo ajudado a capturar dois valiosos foragidos da justiça (os irmãos Brittle). Django tem o objetivo de encontrar e resgatar a escrava Broomhilda, sua esposa, que ele não a vê desde que ela foi separada dele há muitos anos.

O filme tem como pano de fundo o Romantismo que é evidenciado pela contextualização histórica presente nas cenas, nas quais mostram os costumes da sociedade de uma época ligada às grandes revoluções do século XVIII. Podemos dizer que o Romantismo foi oriundo da necessidade que o homem tinha de libertar-se das regras que o guiavam. Isso gerava um clima de insatisfação e agressividade. Era necessário, portanto, encontrar meios para liberar toda essa carga emocional. Desponta, então, uma literatura que tinha o objetivo de distrair o leitor, levá-lo ao mundo dos sonhos. Nesse viés, surge o romance - uma narrativa longa que apresenta várias personagens em conflitos simultâneos - que divulga o pensamento

da época, que expressa o mundo burguês, atendendo a necessidade de criar um tipo de arte que atendesse e representasse essa nova classe social e seus ideais.

“Django Livre” apresenta a mesma temática e as mesmas características dos romances românticos, conforme a demonstração a seguir:

a. A figura do herói

Na literatura, a figura do herói romântico é retratada de forma mais humanizada, diferentemente do herói clássico que se assemelha a um deus. O herói romântico aproxima-se do homem comum e mostra-se insatisfeito com a realidade em que vive e com os valores impostos pela sociedade. Por esse motivo, vive em conflito e põe-se em perigo para defender seus ideais de forma corajosa, honrada e, sobretudo, idealizada em virtude de seus próprios feitos. Dessa forma, o personagem “Django” se encaixa perfeitamente no papel desse herói. Ele consegue vencer todas as dificuldades, as quais são impostas aos escravos negros, para, enfim, salvar a sua amada em perigo. A cena final, a qual Django aparece montado num cavalo para salvar Broomhilha, remete a figura do herói de “contos de fadas” que surge, no desfecho da narrativa, em seu cavalo para livrar a princesa de todo o mal e viverem felizes para sempre.

b. A temática da escravidão dos negros

Verifica-se um particular interesse pelo tema da escravidão dos negros em muitas obras literárias românticas. Nessa época, as discussões sobre a abolição dos escravos desencadeavam teorias que buscavam justificar a escravidão, como, por exemplo, as questões biológicas da condição inata de subserviência dos escravos. No filme “Django Livre”, o personagem Calvie Candie, interpretado por Leonardo di Caprio, tenta comprovar, por meio da análise da anatomia do crânio de um escravo negro, que é devido ao formato anatômico específico desse crânio que os negros estão pré-determinados à condição de submissão, à escravidão devido à fatalidade da sua formação física. Por sua vez, os defensores da abolição da escravatura se revoltam e, nessa mesma cena do filme, argumentando contra a crença determinista da natureza servil dos negros, o personagem King Schultz, interpretado por Christoph Waltz, desconstrói e desfaz essa concepção fatalista da escravidão dos negros. Assim, ele argumenta mencionando a figura de Alexandre Dumas, romancista negro autor da obra famosa “Os Três Mosqueteiros”, popularizada até hoje e traduzida em diversas línguas, como prova de que os negros não são inferiores à raça alguma e, pelo contrário, são capazes de feitos geniais igualmente a qualquer ser humano. Essa

citação do romance “Os Três mosqueteiros” no filme “Django Livre”, além de articular com essa cena pelo fato de relacionar os argumentos do personagem abolicionista contra a crença de que os negros são inferiores ao homem branco (que não são dotados de inteligência e por isso sua própria natureza só lhe reserva a condição de escravo), intertextualiza o gênero romance quando relaciona uma obra famosa da época do Romantismo dentro de um contexto cinematográfico também romântico.

c. O amor que passa por grandes obstáculos até o final feliz

O amor, no filme “Django Livre”, está no centro dessa narrativa romântica. Os personagens vivem esse sentimento idealizado como forma de resgatar os verdadeiros valores da sociedade, como a honra, a verdade, o bom caráter, o herói, a pureza da mulher e a justiça. Esse filme trouxe numa cena, de forma intertextual, a lenda alemã da "Canção dos Nibelungos", na qual a personagem da princesa tinha o mesmo nome da esposa de Django. Esse intertexto destacou não somente a coincidência dos nomes das personagens, mas também a semelhança no impasse amoroso, em especial, a condição da donzela em perigo que espera ser resgatada do castelo do vilão pelo herói. Essa lenda de Broomhilda foi utilizada como recurso metafórico, na construção idealizada da narrativa romântica, do ambiente, da figura do herói, da donzela em perigo, enfim, das características do Romantismo.

d. A figura romântica da donzela em perigo

Normalmente, as heroínas românticas são frágeis, passam por perigos e têm como função, na trama, sonhar com o “príncipe encantado” que irá salvá-la. Assim como a personagem da Broomhilda, que desmaia em situações de tensão, remetendo à sensibilidade e fragilidade das princesas dos “contos de fadas”. Sua beleza exerce um poder de tentação no amado e lhe desperta um desejo de realização amorosa como sentido para a vida.

e. Os costumes e hábitos de uma sociedade desigual

O Romantismo foi marcado pela diferença acentuada entre os mundos da aristocracia privilegiada e dos negros escravos. O filme mostra o poder aristocrático sustentado pelas desigualdades sociais retratando, de um lado, uma vida de luxo, de prazeres e de ostentação da aristocracia; e, do outro, uma vida cruel, de subserviência e de

exploração dos negros escravos. O diretor retrata a aristocracia americana que copia os modelos europeus para mostrar-se culta e refinada, como o personagem Calvin Candie (Leonardo di Caprio), um americano que não fala uma palavra em francês, mas que gosta de ser chamado de monsieur Candie, ostentando uma condição que não condiz com a sua nacionalidade, mas que demonstra o requinte ditado pela moda da época.

f. O universo cruel da escravidão dos negros

Assim como ocorre na literatura romântica, cenas do filme revelam como os negros eram tratados, punidos e torturados quando se negavam ou se rebelavam contra a sua condição de escravos.

g. O contexto histórico e social

O filme se passa no século XVIII. Nesse período, as pessoas haviam abandonado os campos em busca de novas oportunidades e se aglomerando em pequenos povoados, surgindo assim, a cidade - um novo formato organizacional da sociedade. Nesse contexto histórico e social, o filme mostra o modo como o Estado governava esses pequenos territórios e como que o racismo na região do sul dos EUA mostrava-se bem acentuado a ponto de formar grupos terroristas, motivados pelo racismo, como o Ku Klux Klan – organização racista que apoiava a supremacia branca.

h. A visão maniqueísta

O mundo romântico é caracterizado pela relação adversária entre o bem e o mau, entre mocinho e vilão. Na visão ampla do filme, os escravos negros representam o bem e sofrem as consequências da escravidão, já os brancos e senhores de escravos representam o mau e acometem as atrocidades contra os negros. Na visão restrita do filme, Django é o mocinho que terá que enfrentar o seu inimigo e Calvie Candie é o vilão que tentará impedir o herói de realizar seu feito.

3.1. Romantismo no cinema versus Romantismo na literatura

A reação dos alunos, comparando as duas turmas ao final da apresentação do filme, foi a mesma. Os alunos sofreram com os personagens, torceram pelo herói da história e aplaudiram de pé o desfecho do enredo, enfim, mostraram envolvimento com uma história com a mesma proposta contextual dos clássicos da literatura romântica, pelos quais os alunos

desprezaram com a justificativa do desinteresse em ler narrativas ambientadas em outros tempos por revelar costumes diferentes da vida atual.

Dessa forma, constatamos que não é verdade que os alunos não gostam de histórias que revelam costumes diferentes dos seus. Diante dessa revelação, nos indagamos: Por que os alunos não demonstraram interesse pelas histórias românticas dos livros de literatura, mas se envolveram, prazerosamente, com a história romântica contada pelas lentes do cinema? Qual é problema?

3.2. O problema

A partir da reação positiva e, principalmente, prazerosa, dos alunos ao filme, percebeu-se que o cerne do problema não está no estilo, está na linguagem pela qual esse estilo é apresentado. A linguagem dos clássicos românticos está inserida num contexto diferente do contexto atual, por isso causa estranhamento e distanciamento por parte do aluno. O filme “Django Livre”, apesar de ser ambientado no século XVIII, é apresentado com uma linguagem atual e muito próxima do público juvenil. Desse modo, constatou-se que a boa receptividade do filme foi decorrente da linguagem própria do mundo contemporâneo e que a rejeição à leitura dos clássicos foi devido à linguagem do livro distanciar-se bastante da linguagem atual. Assim, seja qual for a temática apresentada aos alunos, o importante é aproximar as linguagens - a do romance a do público alvo.

Dessa forma, o sujeito-leitor não se reconhece no texto construído fora do seu tempo. Será necessário introduzir um processo de aproximação entre o aluno-leitor e os clássicos da literatura, enfim, lançar mão das múltiplas linguagens, que fazem parte do mundo contemporâneo, para a interação necessária entre esses mundos. Segundo Bakhtin (2002, p. 88), “o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”.

O sujeito-leitor deve, inicialmente, ser introduzido no mundo da leitura por meio de textos que sejam da sua preferência, atendendo ao seu universo de expectativas. A ele deve ser dada a liberdade de escolher a leitura que mais lhe agrada. No próximo momento, ele deve ter acesso, gradativamente, a outras leituras, tanto em relação à temática quanto ao estilo. A partir desse universo diversificado, ele poderá aprimorar seu potencial crítico-leitor, reconstruir seus conhecimentos, ampliar seus horizontes e, sobretudo, descobrir-se através da literatura. Quando o sujeito-leitor se reconhece no texto e entra na narrativa, a obra, até então datada e pertencente a uma determinada época, passa a ser atemporal.

Nesse sentido, o professor deve propiciar atividades de leitura que relacionem as novas linguagens ao universo dos clássicos da literatura, proporcionando uma interação sociolinguística que aproxima contextos diacrônicos e amplia o conhecimento do aluno.

3.3. Linguagem do cinema (múltiplas linguagens)

O Cinema é considerado a sétima arte por compor as chamadas Belas Artes – manifestações artísticas preocupadas com um ideal de beleza formal que estão relacionadas à criação do belo a partir de um objeto que tem uma função, exclusivamente, contemplativa e independente da sua utilidade prática. Cada uma das artes possui seu objeto: a Música trabalha com o som; a Dança, com o movimento; a Pintura, com a cor; a Arquitetura/Escultura, com volume; o Teatro, com a representação; a Literatura, com a palavra; e, o Cinema, com a imagem, cujo objeto constitui-se de uma integração e aproximação de todas as artes.

O Cinema, assim como as demais artes, é testemunha de seu tempo. Por esse motivo, ele retrata o contexto histórico, os modos, os costumes e a forma de pensar da sociedade de uma determinada época sob um olhar contemporâneo.

A imagem cinematográfica além de utilizar uma linguagem atual e acessível, apresenta diversas culturas. O Cinema é multicultural e transita numa via de mão dupla, pois retrata as culturas dos povos, ao mesmo tempo, que as influencia. Esse aspecto lhe confere um grande poder de comunicação universal, desde a época do cinema mudo até hoje nos filmes legendados e dublados para as diversas línguas.

A arte do cinema está diretamente ligada ao mundo imaginário que, por meio de sua linguagem pluralista, reconstrói a realidade. Ao sermos jogados nesses espaços cinematográficos, mentalmente ativamos todas as informações que possuímos a respeito dessa realidade virtual. Recorremos aos esquemas arquivados em nossa memória e selecionamos todas as informações relevantes no processo cognitivo da interpretação.

Nesse sentido, a relação do espectador com o filme não é passiva, pois não se resume em acumulação de informações, mas na construção de significados e no potencial de inferências, resultantes de um processo complexo de produção de sentidos. Essa relação se dá de forma integrada, na qual o filme em si interage com a visão do espectador, com seu conhecimento de mundo e com os estímulos internos e externos à linguagem audiovisual resultando nas percepções do sujeito-espectador.

Na verdade, a linguagem do cinema é a linguagem do mundo contemporâneo. Estamos na era da imagem e por meio dela o espectador vivencia as experiências da narrativa, entra no universo paralelo e oculto da realidade. Assim, o sujeito-espectador se reconhece numa linguagem do seu tempo - a linguagem do cinema e, por meio dela, se apropria do objeto de conhecimento de forma ativa. O mundo de hoje é interativo, que, ao mesmo tempo, se utiliza de múltiplas linguagens para um mesmo processo de comunicação. O espectador viaja pelo mundo imagético, amplia sua percepção dos sentidos e desperta todo tipo de emoção que é acionada pelos estímulos audiovisual, contextual, inferencial, enfim, pelas múltiplas linguagens da imagem cinematográfica.

4. Mas então o que fazer para que o sujeito-aluno seja eficiente em todos os tipos de leitura?

Não se pretende aqui propor a substituição do livro pelo filme no ensino da Literatura. O objeto da Literatura é a palavra e o objeto do Cinema é a imagem em movimento, logo, a ideia de que uma linguagem pode substituir a outra é ilógica, pois sendo linguagens diferentes, com objetos de estudo diferentes, elas têm funções diferentes e alcança o universo do indivíduo de forma também diferente. Uma linguagem não pode substituir a outra, mas, articuladas, promovem um cruzamento de diálogos entre os textos, uma interação efetiva com o outro, consigo mesmo e com o mundo.

O objetivo em trabalhar com o cinema na aula de Literatura não é repassar características de estilos literários de forma mecânica, conteudista e descontextualizada, é envolver o sujeito-aluno no diálogo entre os textos, é trazer a articulação entre essas linguagens para estimular o pensamento, as percepções das relações intertextuais, a capacidade de inferências do aluno e de sensibilidade estética, enfim, ampliar seus conhecimentos linguísticos-discursivos-literários.

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo com uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (...): ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2002, p. 297)

O papel do professor como formador de leitores deve ser pautado nas concepções de leitura em diferentes contextos e discursividades, trazendo para sua prática de sala de aula tanto as linguagens dos clássicos quanto as linguagens da mídia e das novas

tecnologias. Dessa forma, o sujeito-aluno aprimora seus conhecimentos discursivos para que eles possam compreender os discursos que os cercam, estabelecendo relações dialéticas e dialógicas com o mundo.

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria idéia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2002, p. 298)

Vale ressaltar, que a etapa do planejamento é de suma importância para se alcançarem os objetivos da proposta pedagógica. É necessário planejar bem a atividade para não perder o foco em meio a tantas informações. Portanto, cabe ao professor escolher bem o filme e se apropriar dele pedagogicamente; preparar, detalhadamente, cada etapa da atividade; levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos; direcionar a construção de novos saberes. Todo esse mecanismo pedagógico perpassa por deixar claras as diferenças de cada gênero discursivo, discutir os enfoques anacrônico, diacrônico e sincrônico e destacar as diferentes leituras que cada linguagem requer e, que cada um pode fazer.

4.1. Metodologia

Esse trabalho é pautado numa experiência em sala de aula utilizando a arte do cinema como metodologia de ensino de Literatura. Nesse sentido, o filme “Django Livre” foi um recurso à leitura dos clássicos do Romantismo, uma vez que evidenciou a articulação que há na relação entre essas linguagens e propiciou uma nova leitura sobre uma mesma temática, ampliando os horizontes de expectativas dos sujeitos-alunos. Orlandi, ao refletir sobre leitura afirma que:

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno. (ORLANDI, 2008, p. 40)

Sob o exposto, propõe-se que a estratégia de ensino de Literatura abranja a integração entre a linguagem verbal das leituras dos clássicos à linguagem cinematográfica. Parte-se do

princípio de que a língua é viva, dinâmica, complexa e que se transforma em virtude da necessidade do ser humano em adequá-la a sua realidade, a sua necessidade de uso, ou seja, a língua está a serviço do homem. Seguindo esse mesmo princípio, surgem novos gêneros discursivos ou eles se renovam pela pressão das circunstâncias comunicativas para atender os modos de interação humana com o mundo. Da mesma forma que as linguagens se mostram flexíveis para atender as necessidades do homem, novas forma de comunicação são criadas para essas mesmas utilidades.

Dessa forma, busca-se que o aluno aprimore sua competência linguística com maior propriedade quando lhe é dado a oportunidade de transitar pelas diferentes esferas de comunicação, tendo em vista a concepção de articulação das linguagens como metodologia para o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Literatura.

Essa estratégia de ensino de explorar as articulações entre as linguagens vai ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais no que tange a leitura dos diferentes tipos e gêneros textuais, pois cada sentença textual carrega significados que só serão acionados pelo processo de interação do leitor com o texto, com o seu conhecimento de mundo e consigo mesmo. Deve-se levar em conta que esse processo de articulação promove ressignificações, pois nunca se lê ou se relê um texto do mesmo modo. Em cada leitura temos percepções diferentes.

O método não se baseia na acumulação de conhecimentos, mas busca propiciar ao sujeito-aluno o desenvolvimento de habilidades de percepção dos elementos significativos e expressivos inerentes ao texto, ativando seus conhecimentos de mundo, elaborando e verificando inferências que permitam ao leitor perceber outros elementos mais complexos. Dessa forma, o professor media a aprendizagem e o sujeito-leitor desenvolve, simultaneamente, habilidades para todos os tipos de leitura.

5. Considerações finais

Atualmente, o sujeito-aluno começa a frequentar a escola cada vez mais cedo. Com isso, a família delega para a escola o papel que caberia a ela de, nos anos iniciais de vida da criança, inseri-la no universo imaginário e fantástico da leitura. As instituições família e escola estão num processo de mudança e de adequação à realidade organizacional da sociedade atual. Esse processo de transição é muito delicado.

Sabemos que o público de alunos do Ensino Médio que recebemos hoje na escola, em sua maioria, não foi sensibilizado para a importância da leitura nem pela família nem pela

escola. Tais alunos chegam a essa última etapa da educação básica sem ter passado pelas etapas essenciais de desenvolvimento do gosto pela leitura.

A escola tem o desafio de vislumbrar uma nova realidade de ensino na formação de leitores. Faz-se necessário aproximar a prática escolar da prática social da leitura. Nessa nova realidade não há espaço para uma leitura com intuito imediatista, para atividades escolares que visam decorar conceitos, estilos e aplicar avaliações mecânicas e descontextualizadas, mas para o que seja significativo para o aluno. O que está valendo são propostas de fazer com que o sujeito-aluno se envolva na leitura e, conseqüentemente, na construção do seu próprio conhecimento.

Isso só será possível se a escola mudar, de fato, a sua prática e a sua visão sobre a importância da leitura na formação do cidadão. Cabe ao professor conceber a Literatura como um bem da humanidade. Isso deve ser percebido pelos alunos nas aulas, à proporção que o professor conta histórias, aguça a curiosidade dos alunos para as diversas leituras, cita personagens clássicos da literatura, compartilha diversos gêneros e estilos literários, enfim se mostre também envolvido pelo universo da leitura.

Na verdade, observamos, no ambiente escolar, uma desvalorização e até mesmo uma descaracterização da Literatura. Ao longo do tempo, as matrizes escolares impostas pelas Secretarias de Educação e até mesmo professores questionam a permanência da Literatura como disciplina no currículo escolar. Essa questão suscita discussões sobre a prática pedagógica no ensino da Literatura, assim como a formação de leitores proficientes.

Nesse ponto, como tem sido o ensino de Literatura nas escolas? Será que os alunos, realmente, não gostam de ler? Será que eles não acham importante a aula de Literatura? Sabemos que a forma com que a Literatura, muitas vezes, é dada em sala de aula interfere nas respostas a essas questões. No entanto, não é a permanência da disciplina de Literatura nas matrizes curriculares que deva ser questionada, mas talvez a inadequada prática docente que tem se baseado na acumulação de informações sobre fatos históricos, sociais e características que estão descontextualizados da construção de conhecimento e desvinculados do objetivo essencial da Literatura que é o de desenvolver a percepção, a sensibilidade, a intelectualidade, a estética, a linguagem e, sobretudo, a construção da identidade do sujeito.

Portanto, o problema parece estar no modo como esse ensino de Literatura tem se dado na sala de aula. Faz-se necessário aproximar o universo literário do sujeito-aluno pós-moderno, trazendo, para sala de aula, a integração das diversas leituras - dos clássicos, das mídias, das novas tecnologias, das artes, do cinema - das múltiplas linguagens que fazem parte do universo do aluno do mundo contemporâneo.

6. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSCARELLI, Carla Viana. **Entrevista Uma conversa com Gilles Fauconier**. In revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 2, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2000.

ORLANDI, E. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

YUNES, E. **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Letras, Curitiba, editora da UFPR. n. 44. p. 185-196, 1995.